



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Brasil

Palácio do Planalto, 06 de dezembro de 2010.

Jornalista: Bom dia, presidente Lula. Obrigada por nos atender, por conceder esta entrevista à TV Brasil que, certamente, será muito importante para a nossa reflexão sobre o momento de agora e também para uma reflexão sobre o seu governo, os oito anos do seu mandato, as transformações que o Brasil viveu nesse período.

Eu queria começar lhe perguntando como tem sido, emocionalmente, esse clima que nós temos... eu tenho visto, todos têm visto pelo país afora, que é um clima de despedida e as pessoas já sentindo muito o fim de seu governo. Como o senhor está lidando emocionalmente com este momento, este final de dezembro de 2010?

Presidente: Olha, Tereza, bom dia. A despedida é uma coisa sempre desagradável, mesmo quando você vai partir para uma coisa melhor – você vai viajar para estudar, você vai viajar para trabalhar –, a despedida é sempre uma coisa triste, você sempre... não se sente confortável.

Jornalista: É separação, não é?

Presidente: O que me deixa confortável? É que, primeiro, nós cumprimos com aquilo que era o objetivo do meu mandato. Nós tínhamos o objetivo, primeiro de ganhar as eleições em 2002. Depois tínhamos o interesse de fazer um bom governo, fizemos; nos reelegemos em 2006. E nós tínhamos o interesse estratégico de eleger a sucessão, e elegemos a sucessão. Então, foram três coisas importantes. A outra coisa importante é que o governo termina o



mandato numa situação altamente confortável, do ponto de vista das políticas públicas, do ponto de vista da situação econômica do Brasil, do ponto de vista da representatividade do Brasil no exterior. Isso me deixa altamente confortável: entregar para a Dilma um país infinitamente melhor do que aquele que eu recebi do Fernando Henrique Cardoso. É um país que está andando a 120 por hora, ela pode pisar um pouco mais no acelerador, ela, se quiser dar uma brecadinha pode quando quiser, porque nós estamos numa situação confortável neste momento. Então, eu penso que é um momento em que eu vou sair consciente de que cumpri com o meu dever, consciente de que nós fizemos muitas coisas e ainda temos muito para fazer, mas consciente de que o Brasil melhorou, e muito, nesses últimos oito anos.

Jornalista: O senhor, quando começou, oito anos atrás, o senhor imaginava que podia terminar o governo desta forma, com esse alto índice de popularidade? Sonhava, tinha esperança disso?

Presidente: Nereide, na verdade, não. Na verdade, eu tinha uma inquietação porque eu tinha que provar, primeiro, se era possível um trabalhador com a minha experiência política, vindo de onde eu vim, com a origem de militância do movimento social, se nós íamos ter, primeiro, condições de montar um bom governo; segundo, se nós íamos ter condições de juntar outros segmentos da sociedade em torno da proposta que nós estávamos apresentando. Então, foram momentos de tensão, momentos de inquietação, em que eu achava que as coisas poderiam não dar certo. Para mim foi muito sofrido tomar a decisão de fazer o ajuste fiscal que eu fiz em 2003, ou seja, aquilo era quase cortar na própria pele...

Jornalista: Era atrasar os resultados?



Presidente: É que você vinha com um discurso de oposição há muitos anos, diferente. De repente, você pega o governo numa situação em que o Brasil estava se deteriorando, então nós tivemos que tomar uma medida drástica. Então, eu resolvi trocar o capital político de quem acaba de ser eleito, a expectativa, por uma política mais dura, na perspectiva de ganhar no futuro, e aconteceu. Aconteceu que nós fizemos um arrocho muito forte em 2003. Eu não esqueço nunca da famosa frase que eu disse na Ford, me parece que em julho ou em agosto [maio] de 2008 [2003]...

Jornalista: Em junho.

Presidente: ...que eu falei do espetáculo do crescimento...

Jornalista: E foi muito ridicularizado...

Presidente: ...e eu disse aquilo porque eu tinha feito uma reunião com o Meirelles e com o Palocci e a gente estava vendo que a situação do Brasil ia melhorar. Ora, mas aqueles que tentaram me ridicularizar, aqueles que brincaram, não tiveram nenhuma humildade, em 2004, quando a economia cresceu 5,8%, de pedir desculpas para mim, não tiveram. Então, eu acho que alguma...

Jornalista: Ou pelo menos dizer assim: “Olha, o espetáculo atrasou, mas chegou”.

Presidente: Não, veja, é que nós prevíamos que haveria um crescimento importante em 2004 e ele aconteceu, ele aconteceu. E como ele aconteceu rápido demais, nós fomos obrigados a segurar outra vez em 2005, e aí culminou um certo aperto na política econômica com uma crise política muito



forte e isso nos causou um problema, que tivemos uma queda em 2005, ou seja, o PIB decresceu. O que aconteceu, com isso? A oposição achou que o governo tinha acabado.

Jornalista: Pois é, 2002, assim, pegando a pergunta da Nereide. Em 2002, logo depois de eleito, o seu grande desafio... o senhor nem esperava dois mandatos, não sabia se teria dois mandatos e se terminaria com essa popularidade, porque acredito que o grande desafio naquele momento era o governo conseguir governar. Não havia tanto uma expectativa de “olha, o governo é do PT, é do Lula, eles... é importante para a democracia que eles assumam, mas isso não vai dar certo...”

Presidente: Não, ô Teresa, eu também tinha essa...

Jornalista: O senhor sentia, digamos, essa torcida para que o governo apenas não desse certo. Então o seu desafio era, primeiro, fazer dar certo.

Presidente: Veja, eu conhecia os outros governantes. Eu conhecia os outros governantes, eu conhecia o governo dos outros governos, e eu não me sentia inferior a eles do ponto de vista da capacidade de gerenciar o Brasil. Aliás, muitas vezes eu me sentia igual ou melhor, porque eu dizia: bom, quem é que pode assumir compromisso com a sociedade, como eu posso? Quem é que pode fazer as coisas, combinando o jogo com os segmentos vivos da sociedade...

Jornalista: Mas o seu desafio não era demonstrar isso, quer dizer, não havia expectativa... claro que o senhor conhecia e sabia onde queria chegar. Eu estou dizendo do ponto de vista... a esquerda nunca governou o Brasil, quando tentou não deu certo – o governo João Goulart. Então, o seu grande desafio,



primeiro, não era mostrar que era capaz de governar?

Presidente: O tempo inteiro eu tinha que provar que era capaz de governar. Eu vim para cá com a certeza de que eu não podia errar, eu vim para cá com a convicção do seguinte: se eu errasse, nunca mais um trabalhador nascido dentro da fábrica, como eu, poderia se meter a ser candidato a presidente da República. Porque a gente já vinha vencendo todos os preconceitos, e quando você chega lá, você tem que dar certo. Eu me lembrava até do Walesa, na Polônia, que depois das greves de Gdansk virou presidente da República e foi um desastre. Quando ele foi concorrer às eleições, ele teve 0,6% dos votos. Então eu tinha medo, é lógico que eu tinha medo. Eu tinha medo porque se eu fracassasse, ia fracassar uma coisa muito forte que era a gente dizer para o povo que a gente poderia governar este país. Então, eu fiz um esforço muito grande, eu discuti muito, ouvi muita gente, construí muita coisa, fortalecemos a democracia e cá estamos nós, terminando o mandato numa situação em que aqueles que pensavam que sabiam mais do que eu estão com inveja de ver a situação em que eu estou terminando o meu mandato.

Jornalista: O senhor falou em 2005, das dificuldades. O senhor tem dito que foi uma tentativa de golpe, não é, o chamado mensalão, e que o senhor vai defender... vai deixar claro para a sociedade o que aconteceu, o senhor vai tentar defender esse período. Como é que... conta para a gente o que aconteceu, efetivamente...

Presidente: Eu não vou, eu não vou tentar defender o período. Veja, eu acho que a sociedade brasileira precisa ter um debate mais verdadeiro do que aquele que teve. Eu acho que os processos estão todos na Suprema Corte, acho que... com mais tranquilidade eu quero ver o que tem na defesa das pessoas, porque eu acho que houve uma tentativa, eu diria, de violentar a



institucionalidade, naquele momento. Eu me lembro que um dia eu chamei o presidente Sarney na minha sala para dizer: Olhe, eu aceito a briga política em qualquer nível, mas se tentar mexer na institucionalidade, ou seja, se tentar mexer com o governo, as pessoas não têm dimensão do que pode acontecer neste país. Depois eu fui a uma reunião do Conselho de Desenvolvimento Social e eu disse o seguinte: Olhe, este país já fez um presidente se matar. Esse... o Getúlio governou durante 15 anos com mão forte e, em quatro [anos] de democracia ele se matou. O Juscelino, quando foi disputar as eleições, essa mesma elite dizia que “ele não podia concorrer; se ele concorresse, não podia ganhar; se ele ganhasse, não podia tomar posse; e se ele tomasse posse, tinham que tirá-lo.” Era isso que diziam do Juscelino, que hoje a gente tem como um grande presidente do Brasil. Depois, o João Goulart foi eleito vice do Jânio dentro de todas as regras institucionais, o Jango... o Jânio renuncia, aí a mesma elite resolve dizer que tem que mudar o jogo e que Jango não pode ser presidente da República. Inventaram primeiro-ministro para ele poder voltar para cá. Eu falei: Comigo não vai acontecer isso!

Jornalista: Olhando a frase, na verdade o senhor disse: Eu não vou me matar como Getúlio, eu não vou renunciar como Jânio e eu não serei deposto como Jango.

Presidente: Então é o seguinte: quem quiser me vencer, vai ter que me vencer na rua. Esse é o grande desafio.

Jornalista: O senhor acha que foi ali, quando disse isso “não vou renunciar, não vou me matar, e não serei deposto porque se quiser me enfrentar vai ter que ser na rua”, ali foi que o senhor interrompeu a tentativa de *impeachment* que se articulava no Congresso?



Presidente: Eu, na verdade, Tereza, nunca acreditei que eles tivessem coragem de chegar ao *impeachment*, nunca acreditei, porque eles...

Jornalista: Mas houve tentativa de fazer atos antiLula, que fracassaram.

Presidente: Depois, é porque eles tinham... eles também tinham uma preocupação. Eu era um desconhecido na relação com eles, então eles não sabiam, também, qual era a minha reação. Não era uma coisa previsível o que ia acontecer. Quando o movimento social... começou a UNE, começou a CUT, começou a Força Sindical, começaram os Sem Teto, começaram os catadores de materiais recicláveis a fazer adesivos e colocar nos carros – “Mexeu com ele, mexeu comigo”, “Mexeu com ele, mexeu comigo” –, isso, numa semana, tomou conta do Brasil. E obviamente que a partir daí eu recebi, no Salão Oval aqui do Palácio do Planalto, todos os movimentos sociais que vieram um dia, à noite, dizer o seguinte: “Olhe, não vamos aceitar brincadeira neste país. Já fomos vítimas de brincadeiras demais”. Então eu nunca, eu nunca tive preocupação com o *impeachment*. A preocupação que eu tinha é que você vai fomentando uma quantidade de inverdades e vai transformando elas em verdades, você vai... Quando eu falo que eu quero dar uma olhada com mais carinho é porque você pode ter gente que errou – quem errou vai ter que ser punido mesmo –, mas você tem gente que pode não ter errado e que entrou no mesmo saco, e eu acho que você não pode fazer o julgamento das pessoas de forma precipitada. Se você pegasse o mensalão, só como exemplo, você vai ver o seguinte: o cidadão que acusou, o cidadão que acusou foi cassado porque não provou a acusação. Ora, se eu te acuso e eu não provo a acusação, do que você vai ser condenada? E o processo continuou como se o acusador não tivesse sido cassado por não provar. Criou-se um clima político, no Brasil, de que era preciso fazer isso. Se tudo é verdade, eu não sei; se tudo é mentira, eu não sei. Eu, agora, vou ter tempo, vou estar aposentado...



Jornalista: O senhor quer ver a narrativa...

Presidente: Eu quero ver, eu quero acompanhar, quero ler muito [sobre] o que aconteceu, quero conversar com pessoas – é só isso –, com a missão de quem tem tempo, agora, para fazer isso.

Jornalista: Eu queria, antes de nós continuarmos olhando sobre os oito anos do seu governo, eu queria fazer algumas perguntas sobre o momento, ainda este final de dezembro, que é o encerramento da sua Presidência. Ainda tem algumas medidas importantes para serem tomadas, algumas decisões que eu gostaria de saber se o senhor vai tomá-las. Por exemplo, o senhor vai nomear, indicar o procurador Luís Inácio Adams para a vaga em aberto no Supremo Tribunal Federal, ainda o senhor, presidente Luiz Inácio Lula da Silva?

Presidente: Olhe, eu já não indiquei o novo ministro da Suprema Corte e não sei quem vai ser ainda, não sei quem vai ser. Tem muitos nomes, aí, no tabuleiro, porque eu achei normal que eu tivesse que esperar a eleição. Aí... se fosse a Dilma ou o Serra que ganhasse, eu queria conversar com quem fosse eleito para dizer: olhe, eu tenho um ministro da Suprema Corte para indicar. Eu estou deixando o mandato, eu queria combinar com você quem eu indico, ou se você quer que eu indique, ou se você quer que deixe para indicar quando você tomar posse. É um direito e até uma coisa um pouco mais saudável, mais republicana, querer ficar indicando ministro na última hora. Eu vou conversar com a presidente eleita Dilma, se ela entender que eu deva indicar, eu devo indicar ainda no meu mandato o novo ministro da Suprema Corte. Se ela falar para mim “Presidente, se o senhor puder deixar para mim”, eu deixarei com muito grato, até porque eles vão entrar em recesso agora e só vão voltar a trabalhar em fevereiro. Portanto, não há muita pressa para isso.



Jornalista: Com relação ao caso Battisti, o senhor falou que vai esperar o parecer da AGU. Esse parecer deve sair ainda agora, em dezembro?

Presidente: Eu espero que saia. Esse é outro assunto, que tanto eu posso tomar a decisão agora, como posso deixar para a próxima presidente tomar. Eu acho que seria melhor eu fazer agora. Se estiver pronto eu farei agora, para não deixar para ela esse assunto, que é sempre amargo. Tem gente que quer que o Battisti fique, tem gente que quer que o Battisti vá embora. Então, eu também não quero deixar nenhuma confusão para a nova presidenta. Eu quero fazer as coisas que eu tiver que fazer.

Jornalista: Então, está dependendo da AGU emitir esse parecer.

Presidente: É. Tudo o que eu puder fazer, ainda no meu mandato, que possa melhorar a situação da Dilma no primeiro ano, eu farei, tudo.

Jornalista: O senhor faria, então, por exemplo, encaminhar a compra de um avião presidencial com mais autonomia, ou seja, que teria melhores condições para o governante circular, fazer a diplomacia presidencial. O senhor foi muito criticado porque fez isso no primeiro mandato, e esse também é um assunto desgastante porque as pessoas não compreendem o significado...

Presidente: Eu estou triste, porque chamaram tanto de Aerolula, e, agora eu vou embora e não posso levar o avião.

Jornalista: Pois é, é como se fosse seu, não é, o avião.

Presidente: Ele já vai ser Aerodilma ou ele seria “aero” qualquer pessoa. Deixa



eu falar uma coisa, Tereza: é sempre desgastante quando você fala em comprar avião. Veja, o Brasil é uma nação muito grande. O Brasil precisa, de vez em quando, se respeitar. Ninguém respeita quem não se respeita. Nós temos dois “Sucatão”, as pessoas têm vergonha de falar do “Sucatão”. O “Sucatão” é uma vergonha nacional, a gente ter dois aviões 707 funcionando ainda... Quando eu viajava com eles tinha alguns que levavam 18 mecânicos dentro, ou seja, era quase uma fábrica de manutenção dentro do avião. Na última viagem que nós fomos para Moscou, o Escav foi no “Sucatão” mais velho e quando estavam dando orientação lá, de “se cair a despressurização [pressurização] põe a máscara”, não tinha máscara! O pessoal ficou esperando a máscara cair, aí aparece um cara com um saco em volta da cabeça e aqui regula. É um vexame! Além do que, você precisa ter um avião mais novo para poder também encher o tanque dos nossos caças. Obviamente... nessa decisão, o presidente da República fica subordinado também àquilo que é a necessidade da Força Aérea Brasileira. Eu te confesso que eu não vejo nenhum problema. Se a Dilma precisar, se ela quiser... Quando o Fernando Henrique Cardoso me chamou aqui, depois de eleito em 2002, ele perguntou se eu queria que ele trocasse o avião, porque ele me contou a mesma história, me contou a mesma história. Eu falei: Fernando, não precisa, deixa que eu vou ver...

Jornalista: Mas teria sido bom, não é?

Presidente: Teria sido bom, teria sido bom. Eu não quis, eu diria, por bobagem. Ele poderia ter feito. Mas aí eu fiz a primeira viagem num executivo, num avião de carreira, e eu descobri que o presidente da República não pode viajar, não pode se expor, que é quase impossível. Então eu resolvi comprar esse avião. Fui criticado, criticado. Hoje o Brasil tem muito mais orgulho da sua política internacional, muito mais representatividade do que ele tinha antes. E



obviamente que o avião ajudou a gente a fazer muitas viagens, muitas coisas que eu não faria com o “Sucatão”. Acho que o Brasil precisa de um avião melhor. Se vai comprar agora ou não, Tereza, é uma coisa que somente a Dilma pode dizer “Presidente, eu aceito ou eu não aceito”; o Saito dizer “a Força Aérea precisa ou não precisa”. Eu não terei nenhum problema.

Jornalista: À compra dos aviões-caça aplica-se a mesma regra. O senhor ainda conversará sobre se pode antecipar ou não o negócio?

Presidente: Olhe, é uma dívida muito grande, uma dívida de longo prazo para o Brasil. E até por responsabilidade... veja, eu já tenho uma presidente eleita, eu não posso fazer uma dívida. Eu poderia assinar “correndinho” e fazer um acordo com a França. Eu não vou fazer. Se a Dilma falar assim “Presidente, olha, pode fazer naqueles termos que estava acordado, que eu fico bem”, eu farei. Mas se ela falar “Presidente, vamos deixar eu discutir no próximo ano”, eu deixo para ela fazer sem nenhum problema, até porque é uma discussão que tem que reunir o Conselho de Defesa, para ouvir o parecer do Conselho de Defesa.

Jornalista: Presidente, como é que o senhor gostaria de ser lembrado, citado pelos livros de História?

Presidente: Ah, difícil...

Jornalista: Difícil.

Presidente: Depende de quem vai escrever o livro de História.

Jornalista: É esse o problema. Se for em cima dos jornais, não é?



Presidente: Se for um cara que goste de mim, ele vai escrever uma coisa boa. Se for um cara que me odeia, ele vai escrever uma coisa ruim. Se o pessoal for ler a manchete de alguns jornais, não existiu governo. Agora, se o cara for pesquisar, analisar o que aconteceu no Brasil – o crescimento econômico, o crescimento industrial, do comércio, o aumento da renda, o número de empregos, a melhoria da educação –, as pessoas podem lembrar como o Presidente que fez a mais forte política social já feita no Brasil.

Agora, é muito difícil a gente dizer como é que a gente gostaria de ser lembrado. Você veja um negócio: Juscelino Kubitschek, passaram anos chamando ele de ladrão, anos. É só pegar os anais do Congresso Nacional, que tinha... o Lacerda chamava ele de ladrão todos os dias, todos os dias, e todos os dias tinha um cara dele que chamava o Lacerda de ladrão e de outras coisas mais. Passou-se o tempo, passou-se o tempo e, merecidamente, a imagem de Juscelino começa a ser reconstruída como a imagem de um homem que teve um papel muito importante na democracia brasileira. E, mais do que importante na democracia, foi um momento de alegria do país. Sabe o que eu sinto prazer? É que a autoestima do povo brasileiro voltou a crescer. O povo brasileiro é mais orgulhoso, é mais... Vocês nem imaginam o que eu ouço quando eu abraço cada pessoa, quando eu beijo cada pessoa, o que elas dizem no meu ouvido, o que elas agradecem a Deus. É uma coisa fantástica! O povo voltou a gostar de si mesmo, voltou a acreditar em si, voltou a acreditar no Brasil. É uma coisa fantástica, isso!

Jornalista: O senhor... eu queria só fazer mais uma... concluindo ainda, ações do governo Lula neste mês de dezembro. Durante algum tempo o ministro Franklin Martins coordenou um grupo de trabalho, proposto pelo senhor, para elaborar proposta de um novo marco regulatório para as telecomunicações e radiodifusão. O nosso marco regulatório é muito antigo, muito superado, não



responde nem às mudanças tecnológicas. E também a proposta de uma lei de comunicação pública porque não se entende no Brasil o que é comunicação pública, embora ela esteja prevista na Constituição. É o caso da TV pública, que até agora não se entendeu bem o que ela significa, para que ela foi criada. Então, essa lei talvez ajudasse a aclarar mais as coisas. O senhor vai mesmo pegar o produto desses dois grupos de trabalho, que são minutas, propostas, pré-projetos, anteprojetos, e encaminhar à Ministra... à Presidenta eleita ainda no seu mandato?

Presidente: Vou, vou, vou, e eu tenho a certeza de que a Dilma tem a mesma concepção sobre a necessidade de mudança na Comunicação que tenho eu, que tem o ministro Franklin Martins. Se nós tivéssemos pronto, definido, eu daria entrada com o projeto de lei ainda no meu mandato. Como ainda tem coisas a serem discutidas...

Jornalista: Detalhes, não é?

Presidente: ... é preciso fazer mais reuniões com outras pessoas, nós vamos entregar um pré-projeto para a presidente Dilma, e ela, então, vai dar continuidade aos debates, mas será inexorável.

Jornalista: O senhor sabe que como ex-presidente, por essas coisas que o senhor acabou de contar, a relação tão estreita com o povo, o senhor sabe que a sua opinião terá um peso enorme no Brasil sobre todos os assuntos, mesmo depois que deixar a Presidência. Este debate, o senhor pretende participar dele como ex-presidente, mas tendo vivido os oito anos na Presidência... Até eu acredito que esse é um dos temas que o senhor gostaria, aliás, o senhor acabou de dizer isso: gostaria de ter tido tempo para encaminhar, mas não pôde. Ainda faltam detalhes dos projetos. Mas o senhor, já como ex-presidente,



pretende participar desse debate, com a sua experiência, com a sua vivência de presidente?

Presidente: Pretendo, pretendo, por uma razão simples, veja. Eu acho que depois da Confecom, depois daquela extraordinária conferência que nós fizemos, em que participou muita gente, e outras pessoas não quiseram participar, nós convocamos, a Secom convocou uma conferência internacional, em que estiveram presentes todos os países. E ficou visível que todos os países do mundo têm regulação, que têm normas, que têm regras, diferentemente do que pensam alguns setores no Brasil.

Jornalista: O seminário internacional que o ministro Franklin organizou mostrou isso, pessoas de todo o mundo contando: “No meu país é assim, no meu país é assim”.

Jornalista: Os países mais democráticos, todos têm.

Presidente: Veja, nós não podemos continuar com uma Lei de 1962, então... Ela vai acontecer, acho que a sociedade está madura para isso, o Congresso Nacional está maduro, e esse debate vai acontecer - e nós vamos ter uma regulação nos meios de comunicação neste país. Eu não tenho dúvida disso e eu estarei participando dos debates, porque eu acho que é uma necessidade para o Brasil.

Jornalista: Se existisse, se o Brasil já tivesse alguma regulação, inclusive de conteúdo - e regulação de conteúdo, repetindo, só para não causar mal-entendidos, não se trata de censurar nada a *priori*, mas é regulação no sentido de algumas normas a serem observadas, até porque outros direitos estão em jogo, além do direito à liberdade de expressão. Se houvesse já uma regulação,



quando o senhor se tornou presidente, o senhor acha que teria tido, digamos assim, um governo tratado de modo diferente, do ponto de vista dos meios de comunicação? Se houvesse regulação, muitas coisas teriam sido diferentes no seu governo?

Presidente: Olha, primeiro, Tereza, uma coisa importante que a gente tem que ver é o seguinte: não é possível a imprensa achar que é um direito democrático ela fazer crítica a todo mundo e, ao mesmo tempo, ela não aceita crítica. É como se fosse onipotente, que pode criticar todo mundo, e eu não posso dizer que tal coisa está errada.

Jornalista: (incompreensível)... a sua liberdade de expressão não se aplica a comentar a imprensa.

Presidente: Eu, sinceramente, eu, sinceramente, acho que nós vamos ter que fazer a regulação. Acho que, em muitos momentos, a imprensa foi desrespeitosa com a instituição Presidência da República. Eu nunca me queixei, eu nunca me queixei...

Jornalista: Então, o senhor está respondendo a minha pergunta: teria sido diferente...

Presidente: Eu nunca me queixei... Eu não sei, eu não sei se teria sido diferente, porque os donos são os mesmos. Mas uma coisa é verdade, uma coisa é verdade, Tereza...

Jornalista: Quando eu digo diferença de... Deixa eu explicar, Presidente: quando eu digo que teria sido diferente, é no sentido assim “certas coisas não



podem ser ditas, se não provadas” ou “certas coisas não podem ser escritas ou ser publicadas se estivessem em desacordo com a regulação”, não é?

Presidente: Veja, eu acho que tem uma coisa chamada responsabilidade. Tem uma coisa chamada responsabilidade, que ela vale para mim, enquanto cidadão brasileiro, ela vale para mim, enquanto presidente da República, ela vale para um jornalista e ela vale para o dono do jornal, ou seja, responsabilidade: eu não posso, não posso dizer alguma coisa de pessoas, que eu não tenha prova, e ficar fazendo ilações o tempo inteiro sem ter que provar nada. Não posso. Então, nós precisamos criar um mecanismo de proteção, tanto a boa imprensa criar mecanismo para que ela possa funcionar sendo uma extraordinária imprensa, livre e democrática, mas responsável, e também criar condições para que as pessoas possam exercer as suas funções. Eu, sinceramente, eu, sinceramente, acho que em alguns momentos setores da imprensa brasileira exageraram, e eles não se dão conta, porque você conversa com eles, eles fingem que não aconteceu nada. Eu não vou me queixar de setores, não, mas eu tomei uma atitude. Qual foi a atitude? Não ficar com a raiva que eles pensam que eu vou ficar porque eu dizia para o Franklin: Franklin, eu vou fazer o seguinte: eles fazem essas coisas, eles pensam que eu vou ler e eles pensam que eu vou ficar com azia, vou me levantar com ódio deles. Então, é o seguinte: eu vou parar de lê-los, eu não fico com azia, e eles vão ficar com azia porque estão percebendo que eu não estou lendo o que eles estão escrevendo sobre mim. Não perdi nada até agora, não perdi nada. Cada vez que eu leio com atraso, eu vejo que não perdi absolutamente nada, porque eu acho que essas pessoas têm que aprender o seguinte: não existe, neste país, alguém que trate a imprensa com mais respeito do que eu. Quem deve julgá-los é o leitor, é o telespectador e é o ouvinte. Deve julgá-los. O cara bateu o olho em uma revista, em um jornal, o cara vai saber se é mentira ou se é verdade; e quando é mentira, todo mundo



percebe. É só ver determinados comentaristas, na televisão, você percebe a desfaçatez da inverdade que está sendo contada, e o cara não se dá conta de que tem um telespectador, do outro lado, ouvindo ele – e ele continua. O povo percebe, percebe porque a mentira está no olho, a mentira está na convicção com que você está falando as coisas. Então, eu acho que...

Jornalista: E há outras formas de informação também (incompreensível).

Presidente: É. E aí hoje, graças a Deus, o povo não depende mais de um canal de televisão, não depende mais de um jornal. Hoje o povo se comunica diretamente. Então, eu acho que está bom, eu acho que está bom. Então, o marco regulatório que nós vamos fazer e que eu espero que a Dilma mande para o Congresso Nacional no começo do mandato dela, eu acho que vai ser importante. Primeiro, pelo debate que vai promover na sociedade; segundo, pelo resultado que ele pode ter para a sociedade brasileira. Você veja uma coisa: o PL [Projeto de Lei] 29. Já estava acordado quando a Maria do Carmo, a deputada Maria do Carmo saiu do Congresso para ser candidata a prefeita, lá em...

Jornalista: Betim.

Presidente:... Betim, já estava pronta aquela proposta. Depois o Jorge Bittar assumiu, está pronta. Por que não votou até agora?

Jornalista: Agora parou no Senado.

Jornalista: Presidente, o senhor... O que o senhor acha que o senhor poderia ter feito, que o senhor deixou de fazer, e do que o senhor se arrepende de ter feito nesses oito anos? Alguma coisa?



Presidente: Nereide, essa é uma pergunta difícil, sabe por quê? Porque leva um tempo – é por isso que eu tenho dito que eu quero sair no dia 1º [de janeiro], eu quero desencarnar da Presidência, para depois começar a falar algumas coisas, porque leva um tempo para você descobrir as coisas que você fez e as coisas que você não fez. Tem muita coisa que você poderia fazer mais rapidamente, e você não fez, e aí você vai analisar por que não fez. É por isso que agora eu estou trabalhando em preparar, quando deixar o governo, o registro em cartório de tudo aquilo que cada ministro fez, para entregar para a nova Presidenta deste país, para entregar para o Congresso Nacional, para entregar para as universidades, para entregar para a imprensa, para que a gente tenha um outro patamar de conversa e a gente saiba cobrar o que aconteceu. Se os ministros estiverem mentindo, não mentirão para mim, estarão mentindo para o cartório que está registrando aquilo lá. E a partir daí é que a gente vai ver coisas que nós deixamos de fazer. Eu vou te dar um exemplo: eu gostaria de ter trabalhado mais a questão da alfabetização de adultos, e hoje eu saio convencido... Ainda nesta semana eu conversei com o ministro Fernando Haddad, que a única possibilidade de a gente vencer, em um país do tamanho do Brasil, a alfabetização de adultos é a gente envolver definitivamente as prefeituras, ou melhor, responsabilizá-las.

Jornalista: É.

Presidente: Se for o caso, dar até um prêmio para cada prefeito que melhor alfabetizar, porque não tem como a União chegar ao município, nos grotões, onde essas pessoas estão.

Uma coisa que eu acho que nós fizemos, que muda o Brasil, foi o investimento em Educação. Certamente, ainda aquém daquilo que nós precisamos. Nós vamos agora apresentar o Plano Nacional de Educação, que



vai de 2011 a 2020, e nós estamos colocando chegar a 7% do PIB com investimento em Educação, o que é uma coisa boa. Obviamente, que sempre vai ter resistência da Defesa... [ou melhor] da Fazenda, que vai dizer que é muito dinheiro. Então, nós vamos colocar isso lá, e vai ser uma coisa boa para o Brasil, porque os investimentos em universidades foram muito grandes e, em escola técnicas foram muito grandes, mas nós ainda temos a questão do Ensino Fundamental, que está melhorando, mas precisa melhorar mais rápido, porque o Brasil tem pressa de se transformar em uma grande economia.

Jornalista: Mas das políticas públicas do seu governo, certamente há aquela pela qual o senhor mais será lembrado... As perguntas, aqui no começo, eram sobre legado. A política pública pela qual o senhor mais será lembrado será pelo conjunto de políticas sociais, que permitiu a grande mudança do seu governo, que foi a redução significativa da pobreza, a passagem de 28 milhões de pessoas para uma outra condição de vida, deixando a condição de miséria, e a ascensão de outros 20 milhões para a classe C. Acho que essa mobilidade social que o Brasil voltou a ter - e não tinha há muitos anos - é resultado de um conjunto de políticas sociais. Mas elas foram sendo construídas no tempo, ao longo do seu governo. No começo, era... o senhor tomou posse anunciando o Fome Zero. Naquele momento, o senhor não pensava em Bolsa Família, nem na política social, tal como ela veio a ser feita. Como foram amadurecendo essas políticas sociais. Depois, o senhor trocou o Fome Zero pelo Bolsa Família. Como o senhor foi avaliando e falando: “não é bem isso, não é bem isso”, até chegar ao modelo certo?

Presidente: Eu tenho... Na verdade, não é uma coisa automática que você senta com um grupo de pessoas, e você, teoricamente, muda. É que, quando você vai a campo para aplicar as políticas públicas, você percebe que é possível acrescentar mais coisas, tirar coisas que antes você achava que eram



importantes. Nós discutimos quase que seis meses para a gente, não acabar com o Fome Zero e colocar o Bolsa Família, mas como o Bolsa Família funcionar como um guarda-chuva e, dentro do Bolsa Família, você tem uma série de políticas... dentro do Fome Zero, dentre as quais uma delas era o Bolsa Família.

Jornalista: É. Isso aconteceu já em janeiro de 2004, um ano depois.

Presidente: Um ano depois. E foram discussões internas muito fortes. Quando a gente fala de política social, Tereza, eu lembro das coisas. Os resultados estão aí, os resultados: nunca se viu tanto crédito, tanto financiamento, tanta compra de alimento da agricultura familiar, tanto financiamento para cooperativa, convênio do BNDES com cooperativa de papel. Tudo isso é dinheiro circulando, que vai gerando comércio, que vai gerando produto, que vai gerando emprego, que vai gerando renda...

Jornalista: Muitas vezes, o senhor precisou bater na mesa, contra uns ministros...

Presidente: Sempre.

Jornalista: ... ou a área econômica (incompreensível) o crédito, o choque de crédito, não é...

Presidente: Sempre haverá necessidade, de quem estiver na Presidência, de dar soco na mesa, para que o pessoal do dinheiro saia de cima do dinheiro, o que é normal, não é ruim, não. Eu acho que o pessoal do dinheiro tem que ser duro e tem que querer guardar dinheiro. Agora, quem tem que ser duro e querer investir um pouco é o Presidente – e tem que bater na mesa. E bater na



mesa várias vezes, porque, às vezes, você decide e as coisas não acontecem na semana seguinte.

Jornalista: O senhor acha que a Dilma tem facilidade para fazer isso, não é?

Presidente: Eu acho que tem. Tem e ela tem relação com as pessoas que vão decidir, que já estão aí com ela há algum tempo. Agora, eu, Tereza, quando falo de política social, eu falo da Educação com muito orgulho, porque você veja uma coisa - é coincidência histórica: eu e o José Alencar somos os dois únicos, Presidente e Vice-presidente, que chegamos aqui sem ter diploma universitário, e vamos sair como sendo o governo que mais fez universidades na história do Brasil. São 126 extensões universitárias, são 14 universidades federais novas – Juscelino [Kubitschek] tinha feito 10 – e são 214 escolas técnicas. Ou seja, nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia tudo que foi feito em um século neste país.

Jornalista: O senhor tem mais orgulho dessa expansão universitária ou do ProUni, que permitiu aos estudantes chegarem à universidade?

Presidente: Eu tenho dos dois, porque... sabe o que acontece? O Reuni, ele dobrou o número de renovação anual das nossas universidades: nós tínhamos, habitualmente, uma renovação de 113 mil alunos por ano nas federais; hoje está 229 mil. Não é pouca coisa você dobrar, e o ProUni...

Jornalista: ... o ProUni ajudou.

Presidente: o ProUni é uma musa que deu certo.

Jornalista: O ProUni mudou até o perfil do estudante, que, hoje, as pessoas...



Presidente: Mexeu o perfil. As pessoas mais pobres começaram a estudar Medicina, estudar Engenharia. E vai melhorar agora com o Fies, porque nós agora estamos assumindo, o Estado brasileiro, ser o fiador do jovem que tomar dinheiro emprestado para estudar, ele não tem que procurar um parente para ser fiador, o estado vai ser o fiador. Então, qualquer um vai poder estudar, porque ele vai pegar dinheiro, ele vai ter uma carência três vezes o tempo de ensino – se for quatro anos, ele terá doze anos de carência. Ele vai, se estudar Medicina e for trabalhar no SUS, ele não vai pagar nada, se for dar aula também não vai pagar nada e ele vai pagar R\$ 50,00 a cada trimestre. Então, a gente vai poder dizer, daqui a algum tempo, que, no Brasil, só não estuda quem não quer, porque todo mundo pode estudar.

Jornalista: Eu queria fazer um a proposta, assim, de método aqui. Queria pegar alguns temas, desses que foram muito polêmicos, muito contestados, alguns ridicularizados, para o senhor comentar. Então, falamos aqui, por exemplo, do Fome Zero: não ia dar certo, que era um equívoco, o governo não sabia o que queria. Tempos depois, tivemos o acerto com o Bolsa Família. O senhor se lembra desse momento, em que o Fome Zero era considerado um fracasso?

Presidente: Eu lembro, eu lembro e sou obrigado a sorrir quando eu lembro disso, porque, primeiro, era o fracasso, era populismo, era assistencialismo...

Jornalista: Depois virou Bolsa esmola.

Presidente: Aí, depois... Não, ele virou tudo. Quando chegou na época da eleição, aí ele era o grande mote para eu ganhar as eleições, aí começou a preocupar. Quando começaram a sair as pesquisas, e 36 milhões de pessoas



ascendem à classe D, passando para a classe média, e mais de 20 milhões saem das classes D e E, e vão para a classe C, as pessoas começam a perguntar: “Qual é o milagre?”. Porque as pessoas nunca tinham coberto isso, as pessoas nunca tinham feito cobertura sobre essas coisas. De repente, começam a sair as pesquisas, começam a sair estudos feitos pelo IBGE, pela Fundação Getúlio Vargas e começa a aparecer o milagre da multiplicação dos pães, e que alguns analistas econômicos não tinham dado.

Eu, quando viajo, Tereza, com o Guido, quando eu viajo com o Meirelles, nós vamos para a Inglaterra, para a Alemanha, para a França, falar da macroeconomia, eu, depois que eles se deleitam falando macroeconomia, das coisas boas, eu falo da microeconomia. A microeconomia é uma coisa que está aí, e que os cegos não quiseram ver e agora percebem. Nós estamos gastando, ao terminar o meu mandato, R\$ 14 bilhões colocando luz nas casas das pessoas que não tinham luz.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: São 13 milhões de pessoas que receberam energia em casa. Quando a pessoa recebe uma tomada, na semana seguinte, chega a geladeira, chega a televisão, chega o liquidificador, chega o ventilador, chega a casa de farinha, ou seja, chega tudo. Esse é o milagre. Agora, foram R\$14 milhões, uma decisão de governo de bancar por nossa conta. Então, quando a gente sai de 2 bilhões, de financiamento para a agricultura familiar, para 16 bilhões, alguma coisa vai acontecer. Quando você coloca R\$ 81 bilhões de crédito, nas mãos de aposentados, via crédito consignado, alguma coisa tem que acontecer, esse dinheiro não vai comprar dólar, esse dinheiro vai comprar feijão, arroz...

Jornalista: Isso é microeconomia.



Presidente: Isso é microeconomia.

Jornalista: Qual a sua avaliação com relação às cotas? Às cotas?

Jornalista: As cotas também foram muito polêmicas, não é?

Presidente: Vejam, as cotas continuam sendo polêmicas. Eu, graças a Deus, acho que o ProUni acabou com esse debate, porque hoje, no ProUni, dos 704 [mil] meninos que fazem universidade, 40% deles são meninos negros e negras. Portanto, a cota foi... Possivelmente, no ProUni a gente tenha mais negro na universidade do que em toda a história das universidades brasileiras. Então, eu sonho que, daqui a pouco, a gente vai chegar ao dentista e vai ter um dentista negro, um médico negro, um gerente de banco negro, e isso graças a você democratizar o ensino no país. Tem muita gente que não gosta. Eu me pergunto: por que não foram os outros que fizeram? Os outros eram todos letrados, por que eles não fizeram?

Jornalista: A microeconomia, o senhor falava da micro. Na microeconomia, foi muito criticado o choque de crédito, inclusive com o crédito consignado dos aposentados, que os aposentados iam ficar endividados, que o governo estava estimulando o sujeito a comprometer o seu salário todo. Houve muita crítica ao choque de crédito, no entanto, ele foi um grande irrigador da economia. A área econômica também foi contra o choque de crédito?

Presidente: Não, não. Obviamente que a área econômica sempre tem que ter a preocupação de que “olha, será que vai dar certo?”. As pessoas têm medo do calote, e você leva um tempo para convencer um ministro da Fazenda de que as pessoas mais pobres só têm como patrimônio, para dar como garantia, a



cara dele e o nome dele, e que, portanto, eles são melhores pagadores do que os outros.

Você está lembrada, Tereza, que eu tive a coragem – não sei quantos presidentes no mundo teriam coragem - de ir à televisão, em rede nacional, pedir para o povo consumir, em dezembro de 2008...

Jornalista: Ah, na crise.

Presidente: ... quando todas as manchetes de jornais eram dizendo para o povo: “Não comprem, porque podem perder o emprego, porque...”

Jornalista: Receita do FMI.

Presidente: “... você vai comprar, vai se endividar, vai perder o emprego, não vai poder pagar”. A sociedade estava ficando com medo. Eu fui para a televisão para dizer o seguinte: Compre, porque se você não comprar a fábrica não vai produzir, o comércio não vai encomendar, você não vai comprar, a economia vai parar, e, aí, você vai perder seu emprego. Compre com responsabilidade, mas realize os seus sonhos. Se você quer comprar, compre. E foi isso que teve um sucesso extraordinário em 2008. Por isso é que o Brasil foi a última economia a entrar na crise e a primeira economia a sair da crise.

Jornalista: Presidente, lembrando essas questões polêmicas, a transposição do rio São Francisco: Hoje, qual a avaliação do senhor com relação a essa...

Presidente: Eu acho que vai ser motivo de orgulho para o Brasil, vai ser motivo de orgulho. Aliás, eu acho que seria importante que a TV Brasil fosse lá fazer uma grande reportagem.



Jornalista: Ela foi, mas há alguns meses.

Presidente: Eu estou indo lá agora.

Jornalista: Algum tempo atrás, nós estivemos lá. Mas agora já passou algum tempo.

Presidente: Eu estou indo lá agora. Eu espero estar vivo para quando, lá para 2012, a presidenta Dilma for inaugurar aquilo tudo, ela me convide, para eu pelo menos molhar o pezinho dentro daquela água lá. Porque só não dá valor àquilo quem não carregou um pote d'água na cabeça.

Jornalista: É como o Luz para Todos. Eu acho que ele é o programa menos visível do seu governo. Porque pessoas que não usaram a lamparina não sabem o que é isso, não é?

Presidente: É, esse é o desafio. É que determinados programas... Um jovem que nasceu aqui no Plano Piloto, ele não sabe o que é comer à luz de candeeiro, cozinhar à luz de candeeiro...

Jornalista: Acordar (incompreensível)

Presidente: ... colocar um botão em uma camisa à luz de candeeiro, eles não sabem. Tomar banho com água gelada, ou tomar banho...

Jornalista: E acordar de noite e ter que procurar o fósforo para acender a lamparina!



Presidente: Então, eles não sabem. Então, é uma revolução na cabeça das pessoas, como foi o crédito consignado. Diziam para mim: “Olha, mas vai endividar os aposentados”. Eu falei: Gente, esse coitado vai pegar o dinheirinho dele, ele vai pagar no máximo 30% de prestação por mês, portanto, vai estar garantido que ele vai pagar apenas um terço. E esse cidadão pode comprar coisas, ele pode comprar coisas a dinheiro, que fica mais barato, ele pode fazer uma viagem. Sucesso total e absoluto!

Jornalista: Agora, esse sucesso da economia, Presidente, teve, no meio, uma mudança traumática de ministro. Depois do chamado escândalo do mensalão – que a gente até começou a falar, vamos voltar a isso depois – depois teve a queda do Palocci, também em circunstâncias muito complicadas, dentro de um escândalo, que é a chamada quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo. E o senhor, que não esperava trocar o ministro da Fazenda, trocou de repente. Os resultados apareceram mais na gestão do Guido Mantega, mas eles foram plantados lá, ou houve inflexão... digamos assim, a gestão Mantega é uma decorrência da gestão Palocci, ou houve inflexão na gestão do Mantega?

Jornalista: O fato de ele ser mais desenvolvimentista, como ele disse, não é...

Presidente: Não, não é só isso. É que eu acho que houve dois momentos...

Jornalista: Mas ele é mais desenvolvimentista que o Palocci?

Presidente: Deixa eu falar uma coisa para vocês: houve dois momentos, houve dois momentos. Um é o momento em que o cidadão chega sangrando no hospital, e a primeira atitude que você tem que fazer é estancar o sangue.

Jornalista: Isso foi o Palocci?



Presidente: Aí você vai levá-lo para uma sala de cirurgia, vai ter uma junta médica que vai analisar, vão fazer a operação. Se você não estancar o sangue, a pessoa morre. Ora, o Palocci foi imprescindível naquele primeiro momento - como se fosse um jogo de futebol - ele foi imprescindível no primeiro tempo, e o Guido é imprescindível no segundo tempo. Houve uma complementação: o Guido só pôde fazer o que fez porque o outro fez um sacrifício. O Guido tem uma visão mais desenvolvimentista? Tem, mas o Guido é um companheiro da maior qualidade. Ele sabe que na crise não podia vacilar, e ele tomou todas as atitudes que tinha que tomar. Então, eu acho que são dois momentos, não dá para a gente comparar um contra o outro.

Jornalista: E Dilma e José Dirceu? Ali houve mudança, digamos, de orientação do gabinete Civil, não é? Um era mais político, o outro mais administrativo... mais de gestão. Houve isso?

Presidente: Houve, houve. Veja, o Zé Dirceu é um dos políticos mais competentes que o Brasil tem. Aliás, acho que tem pouca gente com a competência de formação política que tem o Zé Dirceu. Possivelmente, esse tenha sido um erro, de você trazer para a Casa Civil todas as tensões políticas da República, na medida em que o Zé Dirceu era um negociador. Na hora...

Jornalista: (incompreensível) deputado ele podia ter sido isso dentro do Congresso, não é?

Presidente: Na hora em que nós mudamos isso, na hora em que o Zé sai e a gente coloca a Dilma, então você tira a pressão política da Casa Civil e você transforma a Casa Civil em uma espécie de gerente do governo. E aí



distensionamos a questão política para o Conselho, e aí as coisas tiveram um certo... houve uma descompressão, e voltamos à normalidade.

Jornalista: Presidente, falando em política, o senhor, logo depois que foi deputado, o senhor teve aquela frase famosa que virou música, dos 300 picaretas. O senhor hoje, com essa experiência no Executivo, qual é a avaliação? Mudou muito a avaliação do senhor em relação ao Congresso?

Presidente: Deixa eu deixar a Presidência, você me faz a pergunta, porque, como Presidente, eu estou falando aqui enquanto instituição. Veja, eu acho que tem que ter uma reforma política profunda para que os partidos sejam mais representativos, para que se possa fazer acordo partidário. Veja, eu não vejo nenhum problema de você fazer um governo de coalizão, de você fazer uma aliança entre partidos políticos, e você dividir o governo entre partidos políticos. É coisa normal no mundo inteiro. Agora, quando você faz um acordo com um partido político, o partido... O partido A: esse partido A vai ter dois ministérios, vai ter dois ministérios, portanto, esse partido será responsável por aquele ministério. A contrapartida que esse partido tem que dar ao governo é que esse partido será fiel ao governo durante todo o mandato. Hoje, a tensão é maior por quê? Porque os presidentes dos partidos não mandam nos partidos; porque os líderes das bancadas não lideram as bancadas; e porque vão se criando agrupamentos dentro de cada bancada: é o agrupamento daquilo, é o agrupamento de professores, é o agrupamento de médicos, é o agrupamento de ambientalistas... Então, dentro de um partido criaram-se vários partidos. Então, você negocia com o partido A; aí, o partido A tem dez deputados; aí, chega um deputado daquele partido e fala: "Não, o acordo que o meu partido fez não me atendeu, porque eu sou de outra corrente". Então, é por isso que eu sou favorável à reforma política, para a gente fazer uma coisa mais séria, para que os presidentes tenham mais tranquilidade, tenham mais mobilidade,



inclusive. E eu estou convencido de que nós vamos fazer no ano que vem, porque eu vou começar a brigar, dentro do PT, para que o PT coloque a reforma política como sua prioridade para o próximo ano.

Jornalista: O senhor acha que a reforma política também é importante não só para ganhar - garantir maior governabilidade, facilitar a governabilidade para os governantes, a construção das maiorias - mas também para evitar a corrupção? Boa parte dos casos de corrupção está relacionada com o fazer da política – com financiamento de campanhas, com a vida interna dos partidos. Acredito que o senhor tenha essa visão de que a reforma seja importante também para isso. Mas eu queria lhe perguntar: Nós falamos ali atrás, um pouco, de escândalo – falamos de mensalão, rapidamente, que o senhor pretende revisitar a narrativa, como ela foi feita; passamos pelo caso Palocci – mas houve outros momentos de... houve o caso dos “aloprados” na reeleição; recentemente, o caso do gabinete Civil etc. Isso é uma ferida na sua lembrança do governo? Quer dizer, para o PT, que foi um partido essencialmente comprometido com as mudanças de comportamento e de ética na política, para o senhor, que era, digamos, o grande fiador desse discurso ético do PT, machucaram muito esses episódios de escândalos de corrupção?

Presidente: Não, não. Sabe por quê, Tereza? Há uma coisa na corrupção, que é o seguinte: ela só aparece quando ela é denunciada e investigada; fora disso, ela não aparece. Você pode pegar a corrupção, levantar o tapete, jogar tudo embaixo do tapete, e não vai aparecer muita corrupção. Você vai pegar os dados da Polícia Federal, e você vai perceber o seguinte: nunca o Brasil tratou com tanta seriedade o combate à corrupção, nunca. Tem dezenas de policiais federais que foram presos, tem centenas de agentes públicos que foram presos...



Jornalista: Funcionários...

Presidente: ... e não se colocou nada, nada, absolutamente nada sobre... debaixo do tapete. E aí é uma lógica que eu tenho dito: só há uma maneira de as pessoas não serem investigadas neste país: as pessoas agirem com correção, as pessoas agirem com comportamento adequado. E eu penso que tem que ser assim, tem que ser assim. Todas as pessoas podem ter as oportunidades que tiverem, e as pessoas têm que ser sérias, as pessoas... Você veja o Ministério Público: é terceiro procurador-geral que eu indico – o quarto, na verdade – e eu sempre indiquei o primeiro da lista, nunca quis saber quem era, indicado pela corporação. E, na minha opinião, eu acertei; na minha opinião, foi a coisa mais correta. Não houve, no meu governo, nenhuma denúncia de engavetamento de qualquer denúncia, de qualquer processo. A única coisa que eu peço para eles no discurso que eu faço na posse da Procuradoria é dizer o seguinte: “Vocês, por serem uma instituição muito forte, vocês precisam ter mais responsabilidade”. Não mexam no nome de uma pessoa se vocês não tiverem prova; não façam acusações baratas contra ninguém; primeiro provem, para depois acusar.

Então, eu acho que a corrupção é uma das coisas que o Brasil tem sido elogiado no mundo inteiro. Quem é que tem uma CGU para se autofiscalizar? Se você for perceber o que acontece no Tribunal de Contas, você vai perceber que, grande parte das coisas que o Tribunal de Contas levanta, é passada por nós mesmos, pela CGU. A CGU é o primeiro cartão magnético lá, para (incompreensível), para orientar o governo: “não faça isso, não faça aquilo, tome cuidado com isso”. Então, nós não temos a preocupação. Na minha cabeça, não passa a preocupação de punir quem quer que seja na hora em que estiver praticando alguma coisa, e ser investigado. Não quer ser investigado? Não cometa nenhum ato ilícito.



Jornalista: Eu queria aproveitar o resto do tempo para a gente falar um pouco de política externa.

Jornalista: É, isso que eu... a mesma pergunta que eu ia fazer.

Jornalista: Então faça.

Jornalista: O Brasil ganhou destaque imenso no exterior, o senhor virou uma estrela internacional. O senhor acha que é possível que a presidenta Dilma mantenha esse destaque para o Brasil, na política externa?

Jornalista: É irreversível?

Jornalista: É irreversível?

Presidente: Eu acho. Eu acho que o Brasil ganhou uma posição de destaque, porque o Brasil acertou na economia, porque o Brasil ganhou credibilidade, porque o Brasil passou a participar do G-20, porque o Brasil será a sexta economia mundial logo, logo, e porque...

Jornalista: Mas teve o fator Lula.

Presidente: ... e porque a Dilma é muito competente. Veja, eu viajei como ninguém, eu viajei como ninguém. Possivelmente, a surpresa que eu fui – Tereza e Nereide _ é porque todo mundo tinha medo de mim. Havia uma incógnita – Chirac me disse isso, Lagos me disse isso, o Bush me disse isso, todo mundo ficou assustado com a minha eleição. “O que vai acontecer com o Brasil?” E, de repente, eu me tornei amigo de todo mundo, eu me tornei uma figura presente em todos os debates, o Brasil ganhou projeção, e eu acho que



isso é uma conquista que é irreversível. A Dilma tem competência, ela vai fazer, e eu estou convencido de que o Brasil continuará com destaque. Agora, ...

Jornalista: Se ela fizer alguns ajustes, o senhor não considera isso uma mudança?

Presidente: Não, eu...

Jornalista: Tipo assim: Se ela não for tão amiga do Ahmadinejad...

Presidente: Quem está naquela cadeira faz o que quiser, muda o que quiser, e quem está de fora não dá palpite. Eu, por exemplo... Ela não tem nenhuma obrigação de fazer o que eu fiz.

Jornalista: É questão de não errar também, não é?

Presidente: Eu nunca nem pedi para ela torcer...

Jornalista: Senão, nós nunca mais elegeremos uma mulher.

Presidente: Eu nunca nem pedi para ela torcer para o time que eu torço. Como é que eu vou pedir para ela fazer o que eu fiz? A Dilma é uma mulher muito inteligente. Se ela achar que, no meu governo, teve uma tomada de posição que ela não concorda, ela pode mudar, mas é um direito dela.

Jornalista: Até para fechar a questão do futuro, assim: o Senhor vai criar o instituto, e o senhor disse que pretende – o senhor é uma pessoa política, que sempre está participando da história do Brasil, há anos... Como é que vai ser...



o que o senhor vai fazer, o que o senhor pretende fazer a partir do dia 1º de janeiro?

Presidente: Eu não sei. Por Deus do céu, Nereide, a única coisa que eu quero, a minha prioridade é “desencarnar”. Porque, se eu “desencarnar”, se eu não passar um tempo – eu não sei se são três meses, se serão quatro meses – mas se eu não passar um processo por um tempo, fazendo uma espécie de limpeza interna, cada vez que eu abrir a boca, eu estarei abrindo a boca como ex-Presidente, ou seja...

Jornalista: Como Presidente.

Presidente: ... quase que como Presidente. E eu não quero, não quero. Sinceramente...

Jornalista: O senhor vai ter que... o senhor está querendo fazer uma, digamos, uma transição...

Jornalista: Uma quarentena.

Jornalista: ... para o discurso de ex-Presidente, aprender a falar como um ex-Presidente.

Presidente: E eu não quero dar palpite sobre o governo.

Jornalista: Mas o que... Eu ia fazer essa pergunta agora, o que o senhor está achando do governo... do ministério da Dilma.



Presidente: Não, mas eu não quero dar palpite. Veja, o ministério da Dilma, quem vai ser técnica vai ser ela. Ela tem que montar o ministério que ela saiba que ela tenha controle sobre o ministério, que ela possa dar ordem e essa ordem ser cumprida, ela sabe como é que faz. Portanto, eu não darei palpite no ministério da Dilma.

Jornalista: Mas o senhor acha que se aplica à presidenta Dilma a máxima que o senhor usava em relação a si mesmo, de que... quando o senhor dizia: “Eu não posso errar, senão outro... outra pessoa do povo...” – não digo operário...

Presidente: Ela sabe disso.

Jornalista: Agora (incompreensível) mulheres...

Presidente: Ela sabe disso. Veja, a Dilma tem uma história que foi construída em campo de batalha. Passar pelo que ela passou e, depois de 40 anos, chegar à Presidência da República, ela sabe que a tarefa é muito grande, e ela sabe que, portanto, a questão de gênero ainda não está resolvida no Brasil, o preconceito contra a mulher ainda é muito forte. Então, ela tem uma chance extraordinária, da mesma forma que eu tive de enaltecer a chamada classe operária brasileira, ela vai ter de enaltecer a mulher, com muito mais competência. Eu estou otimista com relação a isso, acho que a Dilma tem a cabeça no lugar e ela vai fazer as coisas que tem que fazer.

Jornalista: Faltou falar um pouquinho sobre América Latina. O senhor acha que, na sua gestão, na sua presidência, tornou-se mais natural a liderança do Brasil na região? A sua diplomacia construiu instituições importantes, como a Unasul, fortaleceu o Mercosul. Dia 17, o senhor vai a Foz do Iguaçu para a reunião pela última... para a última reunião de presidentes do Mercosul como



presidente do Brasil, na sua presidência. Qual vai ser a sua mensagem ali para a América Latina, como o senhor pretende continuar atuando em favor do nosso... da nossa região?

Presidente: Eu penso que nós avançamos muito, Tereza, avançamos muito na questão da integração da América do Sul. Nós ainda lutamos contra os vícios históricos, ou seja, você tem ainda um peso da Coroa espanhola na cultura de muitos países, e você tem ainda um peso no Brasil também, pelo fato de sermos colônia... de termos sido colônia.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, depois, não é apenas isso. Mas muita gente achando que a nossa relação deveria ser só com os Estados Unidos, ou só com a Europa, uma coisa pequena. Quando nós começamos a fazer a mudança de comportamento para fortalecer a América do Sul, muita gente nos criticou. O dado concreto é que a América do Sul hoje está mais consolidada do que já esteve em qualquer outro momento. Todos os países, sem distinção... A Unasul está mais forte, nós já criamos um conselho de defesa, já criamos um conselho e combate ao narcotráfico, já criamos o Banco do Sul. Tudo isso falta ser aprovado pelo Congresso Nacional de vários países, a Unasul, só falta o Brasil ser aprovado. E não foi aprovado não foi por discordância no conteúdo, é porque a oposição pediu verificação de quórum. Eu acho que a relação da Dilma vai ser excepcional com os presidentes da América do Sul.

Jornalista: Então, antes que mandem a gente encerrar, e enquanto o senhor ainda não fala como ex-Presidente, coisa que ainda... só vai acontecer a partir de janeiro, vamos aí encerrar a entrevista com o senhor fazendo, o senhor mesmo, esse balanço de ter vivido uma experiência tão extraordinária para o



Brasil, que foi o primeiro homem do povo a governar o país e ter produzido tão extraordinários resultados. Acho que o senhor podia encerrar o senhor mesmo falando disso.

Presidente: Olhe, é o que falei no começo, Tereza. Eu vou esperar passar um tempo, eu não vou escrever livro, não vou escrever – até porque ninguém lê livro de ex-Presidente; os únicos que foram publicados aí devem estar mofando. Eu acho que o que nós fizemos ainda vai ser visto, daqui para frente, nos estudos do IBGE, nos estudos do IPEA. O que está feito está feito, eu não vou conseguir mudar. Eu tenho consciência de que nós fizemos muito, mas muito, e tenho consciência de que nós temos muito por fazer ainda. Portanto, a Dilma vai ter quatro anos de trabalho muito forte, e eu só vou rezar para que ela faça o que tem que ser feito. Ela sabe o que tem que ser feito, ela está montando um governo que conhece o país, que conhece o governo. Muita gente participou do mandato quando ela era coordenadora do governo, portanto, todos os ministros tiveram mais relação com ela do que comigo. Antes de um ministro ter uma relação comigo, ele tinha dez com a Dilma. Então, ela conhece todo mundo, (incompreensível) bem, até agora, no que ela escolheu, ela conhece bem.

E, para mim, Tereza, eu saio satisfeito, eu saio... Eu vou descer aquela rampa, dia 1º de janeiro, com o orgulho... eu, minha mulher e meus filhos, se Deus quiser o Zé Alencar, com o orgulho de dizer: Olhe, nunca mais ninguém ouse duvidar da capacidade de luta da classe trabalhadora. Isso eu disse em 1980, e vou terminar o meu mandato orgulhosamente. Não sei quantas vezes um presidente da República teve o orgulho de descer de cabeça erguida, como eu vou descer aquela rampa, olhando na cara de cada mulher, de cada homem, de cada criança, e dizendo: “valeu a pena, valeu a pena”.

Jornalista: Obrigada, Presidente.



Jornalista: Muito obrigada, Presidente.

Presidente: Obrigado a vocês.

Jornalista: Foi muito boa.

Presidente: Bem, é isso, querida.

Jornalista: Foi (incompreensível), mas depois a gente põe a ordem.

_____ : Bater a foto, aqui.

Presidente: É isso.

Jornalista: Ah, sim, claro.

Presidente: Ô, gente, eu tinha tanta coisa para falar...

Jornalista: Ô... Você quer falar? Se eles deixarem, a gente grava.

Presidente: Não, não. É que eu, vendo aqui o que o Brasil mudou, e eu coloquei... aqui o que nós fizemos nesses oito anos... Quem de nós já imaginou o Brasil...

Jornalista: Vocês estão gravando, gente? Mantenham a gravação.

Presidente: Quem de nós... qual de nós aqui, nessa mesa aqui, já imaginou o Brasil ter um desemprego de 6,1[%]? Quem já imaginou?



Jornalista: Quando o senhor assumiu era 13[%], mas de...

Presidente: Isso na minha geração, gente, na minha geração, eu era dirigente sindical, a gente tinha 12[%], 13[%]. Quando a gente via os Estados Unidos.

Jornalista: Era o principal problema brasileiro, (incompreensível) pesquisa.

Presidente: Quando os Estados Unidos tinham 6[%]...

Jornalista: Desemprego.

Presidente: ... a gente ficava... Hoje, eles têm 10[%], nós temos 6[%]. Quer que eu te dê a cópia disso aqui?

Jornalista: Não, eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais...

Jornalista: Não, (incompreensível)

Jornalista: Deixa, vamos deixar ele falar.

Presidente: Porque um Presidente, criar 15 milhões de empregos em oito anos com carteira profissional assinada... Este ano, enquanto nos Estados Unidos teve 60 mil desempregados, no Brasil, até... de 1º de janeiro a 30 de outubro, nós criamos 2 milhões, 409 mil empregos com carteira assinada.

Eu estava em Tucuruí com a Dilma, eu achei engraçado, a imprensa fez crítica porque eu fui inaugurar uma obra de 30 anos. Eu fui inaugurar uma obra de 30 anos porque ela ficou parada 30 anos, fui eu que inaugurei. Porque eu tive a coragem de colocar um bilhão, um bilhão em uma obra que estava



paralisada como tantas outras que eles começaram e não terminaram. E eu estava dizendo para a Dilma: “Ô Dilma, sabe qual é o Brasil que você vai pegar para governar? Diferentemente de mim, que tive uma herança maldita, qual é o Brasil que você vai pegar? Você vai pegar um Brasil para governar, Dilma, em que as três maiores hidrelétricas em construção no mundo estão sendo feitas no Brasil neste momento: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. Você vai pegar um país, Dilma, em que as três maiores ferrovias construídas no mundo estão aqui; nós vamos fazer seis mil quilômetros de ferrovias neste país. Você vai pegar um país, Dilma, que está fazendo as cinco maiores refinarias que estão sendo construídas no mundo: Comperj, no Rio de Janeiro, Abreu e Lima, em Pernambuco, a refinaria do Maranhão, a refinaria do Ceará e refinaria do Maranhão, que é uma menor. Mas são quatro enormes, uma de 300 mil barris/dia, outra com 600 mil barris/dia... São mais de US\$ 70 bilhões investidos em refinaria. Além do que, você vai pegar um país em... Você pega empresa brasileira, que, quando eu entrei, tinha 15 mil trabalhadores, tem 73 mil trabalhadores hoje. Empresas que tinham 12, têm 58 mil trabalhadores”.

Então, nós mudamos o Brasil. Mudamos, e eu estou convicto de que ele está em um caminho, Tereza, que não tem volta. Se a gente fizer tudo direitinho, sabendo que a gente tem Copa do Mundo, sabendo que a gente tem Olimpíadas, sabendo que nós precisamos fazer mais investimentos... Não tem nenhum país do mundo, gente, nenhum, nenhum – talvez a China, talvez a China, que tem um programa de investimento de US\$ 224 bilhões da Petrobras até 2024. Com exceção da China, não tem nenhum país do mundo que assumiu o compromisso de fazer 2 milhões de casas em quatro anos, como nós assumimos no programa Minha Casa, Minha Vida e, se Deus quiser, a Dilma vai cumprir. Então...

Jornalista: O que mais tem aí (incompreensível)?



Presidente: Aqui tem muita coisa, aqui, se eu for ler tudo isso aqui... eu vou deixar para você isso aqui, eu vou deixar para você...

Jornalista: Mas o senhor falando, é...

Presidente: Não, eu vou deixar para você, vocês vão perceber o que está acontecendo. Quando eu cheguei ao governo, aqui neste país nós tínhamos... você sabe qual era o crédito total disponibilizado para 190 milhões de habitantes? Era R\$ 380 bilhões em março de 2003, R\$ 380 bilhões era o crédito disponibilizado para o Brasil. Hoje, o Brasil tem R\$ 1,640 trilhão disponibilizado, de crédito, para financiar o nosso desenvolvimento. O BNDES emprestava 30 milhões; neste ano vai fechar com R\$ 170 milhões. A Caixa Econômica, era 5; neste ano tem mais de 70 bilhões de financiamento. O Banco do Brasil, sozinho, tem mais crédito do que o Brasil tinha quando eu entrei para presidir este país. Então é isso, precisou chegar um operário metalúrgico, metido a socialista, para consolidar o Brasil como um país de economia capitalista.

Jornalista: O senhor, na verdade, deu o chamado choque de capitalismo, (incompreensível)?

Presidente: É isso, é isso, é isso, é isso. Porque como é que você pode ter capitalismo, se você não tem crédito, se você não tem financiamento? Uma vez, eu lembro que eu peguei o presidente do BNDES e perguntei: quanto tempo você demora para liberar um crédito? Entre a pessoa fazer o pedido e eles analisarem, levaria 275 dias!

Jornalista: Um ano, quase.



Presidente: E se tudo estivesse normal. Então, nós conseguimos fazer, eu diria, uma grande... O orçamento da Educação, Tereza, o orçamento da Educação saiu de menos de 20 bilhões para 70 bilhões. Nós fizemos um PAC de Ciência e Tecnologia, que foi a primeira vez que um ministro de Ciência e Tecnologia entrou na SBPC aplaudido de pé, porque, nunca, nenhum presidente teve coragem de ir à SBPC e muito menos um ministro. Aliás, eu vou lhe contar uma história: nunca, nenhum presidente e nenhum ministro da Educação tiveram coragem de ir a uma universidade. Eu e Fernando Haddad já fomos a umas... em todas que tem, em todas em que nós fomos, nós fomos aplaudidos de pé por alunos e professores.

Jornalista: O senhor tem muito orgulho das escolas técnicas, também?

Presidente: Muito orgulho, muito orgulho, porque foi graças a uma escola técnica que eu cheguei a presidente da República. E muito orgulho, porque eu acho que se a gente formar as pessoas, se der para a pessoa aprender uma profissão, a pessoa vai ganhar um pouco mais e vai poder fazer universidade, vai poder... Eu acho que o Brasil, o Brasil está encaminhado.

Jornalista: O senhor fez, algumas vezes, uma brincadeira assim: “quando eu deixar de ser presidente, eu vou estudar isso, vou estudar aquilo.” Uma vez o senhor falou que ia entrar para o ProUni... Mas é tudo brincadeira, não é? O senhor não (incompreensível).

Presidente: Não (incompreensível). Eu já estudei demais (incompreensível).

Jornalista: Escola da vida, não é...

Presidente: (incompreensível) que passar oito anos aqui na Presidência, veja.



Jornalista: Isso aqui vale muitos doutorados.

Presidente: Veja, eu sou um cara de sorte, porque eu fui para o Sindicato, e em seis anos eu me transformei no sindicalista mais importante do Brasil. Depois eu fui me meter a criar um partido, em pouco tempo eu criei o maior partido de esquerda da América Latina. Não tem, não tem no mundo nenhum partido igual ao PT, com defeitos e tudo, não tem nada similar ao PT. Diferentemente dos partidos de esquerda do passado, que pegavam os estudantes e intelectuais e tentavam colocar dentro da fábrica, o que nós fizemos? Nós tiramos a peãozada de dentro da fábrica e colocamos na política. Então, hoje é peão que é deputado, é peão que é presidente, é peão que é ministro, é peão que é... tem coisa mais tranquila do que isso, mais fantástica do que isso? Depois, eu queria provar... eu tinha vontade de provar algumas coisas, eu tinha vontade de provar que a inteligência não está ligada ao tempo de escolaridade. O tempo de escolaridade é o aprimoramento do conhecimento específico que você tem, de alguma coisa. Mas nem todo médico, que tem escolaridade demais, é um bom político, é?

Jornalista: Não.

Presidente: Aliás, nem todo cientista político é um bom político.

Jornalista: Sempre se destacou, durante o seu governo, a sua enorme capacidade de processar informações, não é?

Presidente: Política! É uma... a inteligência é uma coisa que é a capacidade de você captar as coisas que você ouve. Eu ouço muito, converso muito, às vezes eu não gosto de tomar decisão precipitada, eu prefiro ir para casa dormir,



meditar, muitas vezes consultar a Marisa, muitas vezes consultar outras pessoas. Tem gente que fala: “Não, mas quando sair uma denúncia, tem que mandar embora logo”. Não, espera aí, gente, eu não posso... sou contra a pena de morte, todo mundo tem que ter uma chance de se explicar, todo mundo... não pode ser assim, senão qualquer jornal tira todo o teu governo!

Jornalista: Seu processo decisório sempre foi de esperar um pouco?

Presidente: É, eu tenho que deixar a coisa maturar. A coisa tem que ter um processo de maturação, porque senão você não ganha a confiança das pessoas. Como é que alguém aceitaria trabalhar comigo se, na primeira suspeita contra ele, eu mandaria prendê-lo?

Jornalista: (incompreensível) o senhor passa muito a mão na cabeça, que o senhor é muito condescendente, por conta disso, não é, de esperar que as coisas...

Presidente: Não, é porque... sabe o que acontece? É apenas um jeito humano de se comportar. Eu não sou hipócrita, eu não acho que alguém é ruim porque cometeu um erro. A pessoa cometeu um erro? A pessoa tem chance de se recuperar daquele erro. Como é que você vai... Agora, quando o erro dessa pessoa implica criar confusão para outras coisas, você então tem que punir aquela pessoa.

Jornalista: O fato de o senhor conhecer o Brasil todinho, de o senhor ter feito aquela Caravana da Cidadania, também deve ter ajudado muito nessa...

Presidente: Foi o que mais me ajudou. Porque esse é um problema, esse é um problema, que se alguém estiver nos ouvindo, ouça e preste atenção quem



quiser ser candidato a presidente da República deste país: ninguém governará este país com os seus olhos enxergando apenas a Avenida Paulista, ninguém governará este país com seus olhos enxergando apenas a Avenida Atlântica, ou a Avenida Kubitschek, ou muito menos aqui da Esplanada...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...tem um mundo real que um presidente tem que conhecer. Um presidente, ele não tem que conhecer a cara do povo que frequenta o Palácio do Planalto, ele tem que conhecer a cara do povo na rua, ela é diferente. Nós somos os iguais mais desiguais do mundo, ou seja, o nosso jeito de ser em cada estado, em cada região, o comportamento pessoal (incompreensível).

Jornalista: Conhecer as necessidades do povo. Como é que o senhor... além da origem, um governante precisa conhecer as necessidades, não é?

Presidente: É porque eu passei por todas elas, não me conte miséria, que eu já passei, não me conte uma desgraça que eu já vivi, então... Mas sabe o que eu acho interessante? Outro dia eu estava lá no Sindicato, em São Bernardo, comentando com os companheiros assim... o Sindicato teve tanta conquista, que hoje o Sindicato não vai mais à porta de fábrica entregar um boletim, como eu ia, às 5 horas da manhã, com um pacote de jornal, entregando jornal: companheiro, vamos pegar o jornal, A Tribuna Metalúrgica, vamos pegar! Hoje, não. Hoje eles colocaram... conquistaram tanta coisa, que colocam o pacote de jornal na linha de montagem, o jornal vai andando, cada trabalhador pega o seu e vai lendo, ninguém é perseguido, ninguém é punido. Eu disse para a diretoria do Sindicato: se eu fosse presidente, eu não faria isso, porque nada, nada, nada, nada é melhor do que você estar à porta de fábrica entregando um panfleto: bom dia companheiro, boa tarde, como é que vai?



Jornalista: Relação pessoal.

Presidente: Porque o que é política senão essa coisa de pegar na mão, Tereza, essa coisa de pegar na mão, essa coisa de abraçar, essa coisa...? Eu pego... Eu acho que tem uma química que a gente transmite. Então...

Jornalista: E tem a sua linguagem, fez uma grande diferença...

Presidente: Às vezes, às vezes, as pessoas...

Jornalista: ...a sua comunicação com o povo. O senhor acha que, assim, por exemplo, a Dilma, com todos os atributos e qualidades, a comunicação dela é diferente da sua. Isso fez diferença no seu governo, não é, essa sua capacidade de falar diretamente ao povo?

Presidente: Ah, mas a Dilma evoluiu, menina. Eu dizia... Eu dizia para todo mundo: vocês vão ver como é que a Dilma vai evoluir. Ela terminou a campanha já falando em microfone sem fio, já correndo de uma ponta a outra do palanque. A gente aprende! Obviamente, veja, que eu tenho um jeito de ser que é do mundo em que eu vivi, eu vim de lá. Eu passei parte da minha vida em porta de fábrica, eu chorei muito em porta de fábrica, eu apanhei muito de polícia em porta de fábrica, eu vi muito trabalhador ser mandado embora, eu vi muita gente passar fome. Então, é o mundo que eu vivi. Então, quando o cara me conta uma desgraça, eu falo: ó, essa eu já vivi. Se o cara falar de enchente, eu já tive enchente; se o cara falar de rato nadando dentro de casa, eu já tive; se o cara falar de tudo que... acordar à meia-noite com água no colchão...

Jornalista: Desemprego...



Presidente: Eu já passei um ano e seis meses desempregado, tudo eu já sei. Então... e isso, para mim é uma coisa forte, Tereza, porque é o seguinte: eu tenho clareza de onde eu vim e tenho clareza para onde eu vou. Eu tenho clareza de quem são os meus amigos e de quem são os meus amigos que vão continuar sendo meus amigos. Então, essa garantia que eu tenho não me dá dúvida. “Ah, você vai sofrer porque vai deixar a Presidência”... Eu posso sentir falta de alguma coisa, até sentir falta da adrenalina diária de trabalhar. Mas eu tenho uma relação de amizade sólida e eu vou continuar a vida, fazendo o que eu sempre fiz, vou...

Jornalista: Faltou perguntar sobre sua relação com a família. A Presidência afasta muito dos amigos, afasta da família...

Presidente: Afasta, afasta, afasta. Afasta de todo mundo.

Jornalista: O senhor nunca reclamou da redoma, o senhor nunca... eu não lembro de o senhor reclamar.

Presidente: Eu nunca construí redoma. Eu tomei muito cuidado, Tereza... Eu fiquei oito anos aqui, eu nunca fui a um jantar, eu nunca fui a um aniversário, eu nunca fui a um casamento, a não ser de dois sobrinhos meus, em oito anos de mandato, nunca, nunca. Nunca fui a nenhuma festa de ministro, em batizado, em casamento, nunca fui, nunca fui. Você sabe por quê? Porque era um jeito de eu me precaver, era a proteção de que eu precisava, de chegar um chato com um celular e tirar uma fotografia, de que ia chegar um chato com um celular e fazer uma pergunta, porque hoje as pessoas não precisam perguntar mais para tirar fotografia. Cada um... Então, eu tomei muito cuidado. E isso, eu vou lhe contar uma coisa. Eu não convidava ministro para ir em casa porque



tinha 30 ministros, se eu convidasse um os outros iam ficar com ciúmes. Então eu, muitas vezes, passei o sábado e o domingo, eu e Marisa sozinhos.

Jornalista: Ser incomodado.

Presidente: ...avisar. Não, teria que avisar ao meu chefe de Segurança, que iria mandar gente na frente, que iria limpar mesa, que iria tirar... ir à cozinha. Eu não queria incomodar ninguém. Uma vez eu fui ao teatro, cheguei lá, tiraram as duas filas detrás de mim, não podia ficar ninguém atrás de mim. Então, para não incomodar os outros, eu prefiro não ir, eu prefiro não ir. Então, eu acho que a família paga um preço muito caro, muito caro. Obviamente que a família já tem a compensação, porque eu acho que é motivo de orgulho para qualquer filho saber que o pai vai sair do governo com a maior aprovação que um presidente já teve, na história do Brasil.

Jornalista: Só uma coisa, com a permissão do Cezar Alvarez, que está mandando encerrar. Nós já encerramos a entrevista, Cezar, só estamos acrescentando algumas coisinhas. Faltou... acho que... foi importante, surpreendeu muito as pessoas, não sei por que, que a sua família, os seus parentes continuam todos vivendo a vida simples de sempre, que todos continuam vivendo em condições modestas. O senhor falaria sobre isso?

Presidente: Olhe, veja, eu fiquei feliz até, quando eu vi uma declaração do meu irmão, da minha irmã, que disse: “Ele não foi eleito para cuidar de nós”.

Jornalista: É, eu vi.

Presidente: Só o fato de eles terem esse comportamento, para mim já é uma graça de Deus. Porque é verdade, eu não fui eleito para cuidar deles, eu fui



eleito para tentar cuidar do povo brasileiro, ou seja, dentro do povo brasileiro estão eles. E todo mundo que é eleito presidente, que é eleito para alguma coisa tem problemas com a família, porque muita gente fica na expectativa de que “pô, o cara chegou lá, ele vai cuidar de mim.” E isso aqui não é um clube de amigos, isso aqui não é um convescote familiar, você vem para cá para cumprir uma tarefa. Eu tenho muita... Como eu ouvia que aquela maluquice de que eu não posso errar. Porque todo mundo... se é um cara da elite, imagine quem já foi presidente do Brasil. O cara governa, não dá certo aqui, o cara sai daqui, vai para Harvard e fica seis meses lá, oito meses, um ano, volta e ninguém fala mais nada, e tal, quatro anos depois ele se candidata, ninguém esquece [ninguém se lembra]. Eu não vou, eu vou para São Bernardo; eu não quero ir para Harvard, eu quero ir para São Bernardo do Campo; eu não quero ir para Londres, eu quero viajar o Brasil outra vez, eu quero ir para o Nordeste, eu quero ir para o Norte, eu quero ir para a periferia. Eu me reuni por oito anos com catadores de papel, orgulhosamente, toda véspera de Natal eu estava embaixo de uma ponte, em São Paulo, com os catadores de papel. Precisaria? Talvez não! Mas, para mim é uma coisa simbólica você ver um presidente que recebe príncipes, que anda na carruagem da rainha da Inglaterra, que anda na carruagem do rei da Suécia, um presidente que se encontra com Obama, com Bush, com todos os (incompreensível), de repente, ele está lá debaixo de uma ponte, com os catadores de papel, que nunca reivindicaram sair debaixo da ponte, que nunca reivindicaram deixar de ser catadores de papel. Engraçado, não é, porque eles poderiam pedir emprego para mim. A única coisa que eles querem é respeito à profissão deles. Então, quando a gente consegue fazer o BNDES emprestar R\$ 200 milhões para os catadores de papel, eu sou obrigado a falar: o Brasil mudou. Então, foi isso o que aconteceu, e a gente poderia pegar outra dezena de exemplos, e ouvir o povo contar... Eu fui, um dia desses, em um ato das cooperativas – e se você vir as meninas falarem da cooperativa, cooperativa que empresta R\$ 20,00, não é R\$ 20 mil; R\$ 20,00,



R\$ 30,00. Quem mora em um lugar chique, quem mora aqui no Plano Piloto, na Esplanada do... sei lá...

Jornalista: Nos Jardins...

Presidente:... em qualquer lugar aqui, o cara pega R\$ 30,00, o cara toma três uísques e dá de gorjeta R\$ 30,00. Agora, deem isso na mão de uma mulher pobre para saber quanto de comida que ela leva para casa! Então, é essa a diferença, de aprender a dar valor às coisas como elas são, que eu acho que a classe política brasileira não teve, não teve.

A Dilma viajou muito comigo... Você está lembrada que, desde o PAC 1, eu estava pensando já na Dilma e comecei levar ela comigo, que é para ela conhecer o Brasil, para ela ver... Porque gaúcho pensa que o Brasil é o Rio Grande do Sul, paulista pensa que é São Paulo, carioca pensa que é o Rio de Janeiro; não! Tem que conhecer este país no seu conjunto, e a Dilma, hoje, é uma pessoa que conhece a cara do povo; então, portanto, ela tem todas as condições de deitar e rolar na governança deste país - e eu estarei de fora ajudando.

Jornalista: (incompreensível) Presidente, eu não quero brigar com o César, mas nós já tínhamos encerrado...

Presidente: Fizemos mais depois que paramos do que quando começamos.

Jornalista: A gente já... nós não precisamos fazer fecho, porque a gente já fez, aquele fecho bonitinho com ele se despedindo. Então, eu acho que foi ótimo esse acréscimo aqui, esse segundo tempo, na hora da edição, a gente ... tem muito... Enriqueceu muito.



Presidente: Sabe o que eu acho, Tereza? Um dia, quando eu terminar a Presidência, você sabe como eu gostaria de analisar o governo? Sentar em um grupo de amigos, juntar, juntar, pegar três, quatro amigos que participaram do governo, pegar alguns... Sentar em volta de uma mesa, tomando uma cervejinha, o “Stuquinha” com a câmera dele ligando ali, porque... E a gente contar coisa, porque a gente não se dá conta. Nós temos um problema no nosso governo...

Jornalista: O projeto Memória do senhor não está claro...

Presidente: Nós temos um problema no nosso governo que é o seguinte: a dificuldade que a turma do Franklin Martins tem de fazer publicidade, é que o excesso de coisas feitas pelo governo é de tal magnitude, que você tem sempre dúvida de escolher uma para fazer; quando você não tem nada, você não mostra nada.